



**UM AJUSTE
DE CONTAS /
MODERNIDADE
BRASILEIRA**

N 45

EDIÇÃO DE NÚMERO ESPECIAL DA *ARS*

UM AJUSTE DE CONTAS/ MODERNIDADE BRASILEIRA

EDIÇÃO DE NÚMERO ESPECIAL DA *ARS*

A arte brasileira distingue-se no contexto mundial do século 20 por seu caráter único—logrou forjar uma estética marcada pelo inconformismo e a originalidade, mesmo posicionada no lugar problemático que lhe coube na dinâmica global do capitalismo e da expansão internacional do modernismo a partir dos polos culturais mais influentes nos países centrais. Em face de um movimento modernista que já no período de entreguerras se transformava em espécie de língua franca no mundo industrializado e semi-industrializado, a qual permaneceria hegemônica pelo menos até a década de 1980, a arte brasileira extraía seus resultados mais luminosos sem aderir à corrente principal da arte internacional, que parecia apontar para o progresso; diferentemente, enunciava em seu cerne os termos da dependência, buscando extrair potência crítica e invenção da própria adversidade da situação.

E em vez de se ver assimilada ao curso irresistível da cultura internacional “mais avançada”, que no cenário mundial tendia a se deixar

dissolver no repertório razoavelmente uniformizado do modernismo, manifestações como o samba, a bossa nova, os movimentos concreto e neoconcreto, o tropicalismo, o cinema novo e sua radicalização no cinema chamado marginal, para não mencionar uma arquitetura fundada na estética do encontro e da vida social, fizeram diferença ao assomar com cores fortemente locais em meio à uniformizadora voga internacional, ao mesmo tempo que se mostravam experimentais e cosmopolitas, respondendo vivamente às pressões globais do mundo moderno, inclusive às do mercado. Pode-se dizer que o aspecto mais formidável da produção artística moderna que nasceu no Brasil do século 20 é a espécie de permeabilidade crítica aos influxos externos, às vezes até mesmo à pressão das vertentes comercialmente mais poderosas do modernismo, associada a uma disposição para acolher e amalgamar estilos diversos, para acomodar tradições cultas e populares numa forma única, maleável e aberta. Mas isso tudo num registro particular, marcado pela distância crítica, pelo humor, pela ironia fina.

Tal contribuição, entretanto, fez-se historicamente mais evidente no momento mesmo do ocaso do horizonte político e social da modernidade brasileira, cujas expectativas emancipadoras haviam alimentado por cerca de um século a arte mais inquieta produzida no país. O Brasil que veio à tona em 2016, data do anômalo apeamento de Dilma Rousseff da presidência, extravagantemente obtido mediante o recurso a uma formalidade prevista nos limites da institucionalidade, parecia selar o início do esgotamento da experiência da “Nova República” e, com ela, o esvaecimento do horizonte civilizatório com que a modernidade acenara à sociedade brasileira.

QUESTÕES-CHAVE DA EDIÇÃO 45

1. A novidade de uma nascente cultura urbana no Brasil do final do século 19 – de que são testemunhos eloquentes o samba carioca e uma cultura impressa de verve satírica – e as marcas com que o legado colonial não cessaria de moldá-la, a partir do ingresso do país no rol das nações modernas, sob o signo da dependência;
2. As múltiplas – e frequentemente contraditórias – facetas do nacionalismo nas gerações modernistas do período de entreguerras, em especial no campo da literatura e das artes plásticas;
3. Os encontros surpreendentes entre as tradições erudita e popular na experiência do modernismo brasileiro, entre o final do século 19 e meados do século 20;
4. A tradição construtiva europeia no modernismo brasileiro – invenção, impasses e contradições;

5. A dimensão do comentário e da paródia na arte brasileira dos anos 1960: modernismo tardio ou sintoma precoce do pós-modernismo?
6. A internacionalização da arte brasileira, de 1985 a 2016, da redemocratização ao ocaso da “Nova República”;
7. Tensões étnicas e raciais no modernismo brasileiro;
8. Modernismos fora do centro: o caso brasileiro confrontado a modernismos na América Latina, África e Ásia.

CHAMADA PÚBLICA

Junto às intervenções de um rol de autores convidados, a Ars abre chamada pública para selecionar textos que integrarão o número especial de agosto de 2022, com a expectativa de atrair interessados num universo mais amplo e diversificado de ideias.

1. A contribuição deve ser original e inédita, não sendo permitida sua apresentação simultânea em outro periódico nacional;
2. Não serão aceitas submissões múltiplas de um mesmo autor;
3. Só serão aceitos artigos de autores da pós-graduação, de instituições nacionais ou internacionais. Não serão aceitas submissões de alunos da graduação, mesmo quando escritos em coautoria com pesquisadores da pós-graduação. Não há titulação mínima, podendo inscrever-se candidatos que estejam cursando o mestrado;

4. Os artigos recebidos passarão por uma primeira análise técnica, realizada pela equipe editorial, que consiste em verificar a adequação dos textos às normas deste edital. Após essa etapa, será publicada uma lista com os textos habilitados e que serão avaliados por um comitê externo especialmente constituído para a chamada. Os membros desse comitê serão divulgados nos próximos meses no site e nas redes sociais da revista;
5. Poderão ser selecionados até 5 textos para publicação. O comitê de avaliação tem a prerrogativa de eleger uma quantidade menor de artigos para publicação;
6. As inscrições deverão ser feitas pelo site da revista (<http://www.revistas.usp.br/ars>) do dia 4 de janeiro de 2022 às 23h59 do dia 4 de abril de 2022;
7. No momento da inscrição, o autor deverá selecionar a seção Chamada aberta – Ars 45 no menu de submissão. Artigos que não forem enviados para essa seção não serão avaliados e eventualmente publicados no âmbito desta chamada.